



Director literario:

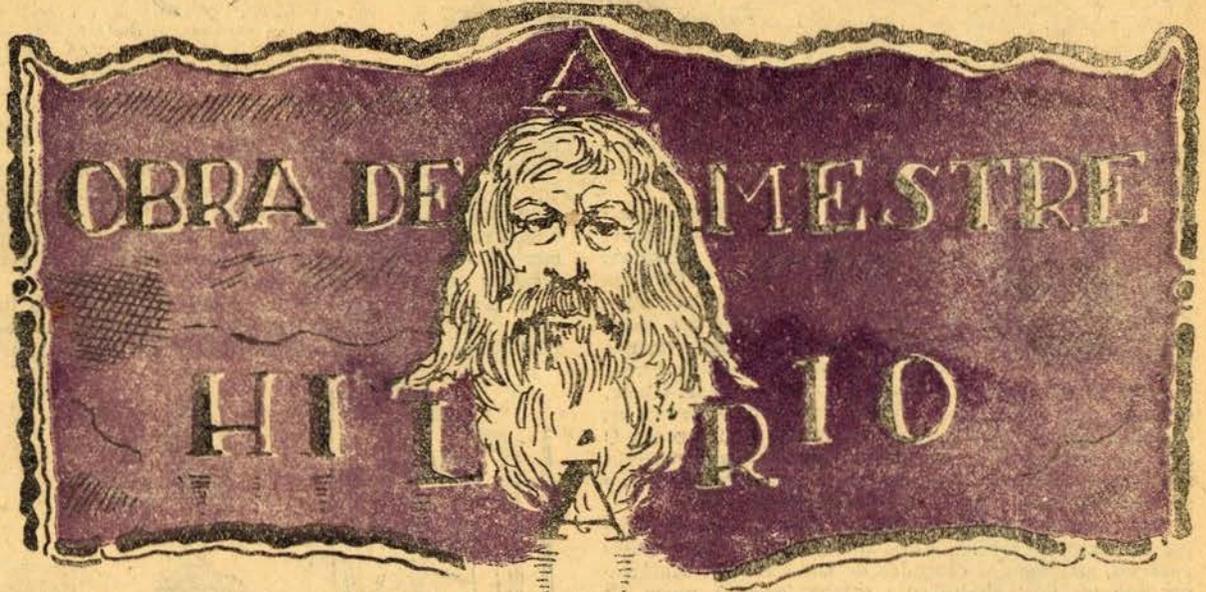
Augusto de Santa-Rita
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

J. Durvalles
PAPUSSE



OBRA DE MESTRE

HILÁRIO

POR AUGUSTO de SANTA-RITA

BONECOS de E.M.

(Continuação do número anterior)



OS corpos laterais do edificio, ficavam, à direita, o grande Internato: — dormitório, refeitórios, cosinha, etc. — e, à esquerda, a grandiosa sala de espectáculos: — "Teatro de Marionettes" de índole educativa, sala de ginástica, piscina, etc.

Vejamos agora, em que consistia o método doutrinário «Perlenga da Fé» ministrado aos alunos pelo grande apóstolo.

As nove horas da manhã, três horas após o toque de erguer,

duas após o pequeno almoço, e uma após os exercícios físicos, badalava, pela quarta vez, a sineta da torre do palácio, anunciando o início da perlenga.

Com seus taldamentos de pano preto, debruado a belbutina azul, de sóbrio talhe, sem botões a vista, quinhentas crianças invadiam o «Preletorium» e, perfilados, tomavam os seus lugares em longas bancadas com estofos forrados de veludo azul.

Mestre Hilário, de bata branca, como enfermeiro de almas, não se fazia esperar. Subindo a um pequeno estrado onde um grande écran luminoso, de cinco em cinco minu-

tos, reproduzia um adágio que Mestre Hilário na véspera compuzera e sobre o qual dissertava: — «A vida só sorri para quem lhe sorri!» — «Só sabe querer o que souber sorrir!» — «O Desejo é o embolo da Vontade e a confiança o vapor que o faz agir!» etc.,) — levava os seus discípulos a repetirem pausadamente e em côro, dez, vinte, trinta vezes cada axioma, após o seu comentário filosófico e elucidativo, numa entoação de reza que se tornava imponente pelo estranho ritual.

Decorrida uma hora e meia, principiava a aula de Rituica — (matéria cultural que os meninos naturalmente ignoram por estar ainda muito pouco divulgada entre nós. Mas, para que dela fiquem fazendo uma ideia, eu vou transcrever aqui todo o resumido relato da primeira lição de Mestre Hilário que, com o seu grande prestígio e escutado com profundo respeito, principiou assim:

Meus meninos:

Aprender a soletrar e a ler correntemente, são duas coisas essenciais para a educação cívica mas insuficientes para a educação moral mais necessária ainda.

A educação cívica é o culto da instrução e das boas ma-

(Continua na página 4)

A Pobre Orfãnsinha

por

Severiano Coutinho
Bomfim de A. M.



RA numa aldeia da Beira que eu costumava passar os meses estivais, em casa dos meus avós que ali residiam com a única companhia duma velha criada.

Minha avó era já muito velhinhã, e as doenças faziam-na parecer mais velha ainda do que realmente era; tinha-lhe dado aos 45 anos um ataque que a deixara quasi paraliçada e, com o decorrer dos anos, chegou a um estado em que não podia mexer parte alguma do corpo.

Passava os dias sentada numa cadeira, junto a uma janela, olhando com melancolia as crianças que, dum terraço ali defronte, costumavam fazer o seu campo de folguédos. O avô era mais novo do que ela mas tinha resistido melhor aos ataques das doenças e do tempo; era ainda robusto e ao caminhar fazia envergonhar os mais novos.

Era com êle que eu costumava fazer os meus passeios por êsses campos fóra. Um dia, ao regressarmos dum dêsses passeios, sentimo-nos cansados de tanto andar e sentámo-nos sob um castanheiro cuja sombra dava, a quem ali estivesse, uma grande impressão de bem estar. Desembruhamos um farnel que levávamos e pusêmo-nos a comer.

Ao espratar a vista pelo campo, coalhado de malmequeres amarelos, num conjunto que alegrava a vista, reparei numa vivenda que nos ficava à direita, cercada por um muro engrinaldado de flôres e, aqui e além, com manchas de musgo.

A casa tinha as janelas e portas cerradas e, no chão, em volta dela, cresciam as ervas já tão altas e em tão grande quantidade que donotavam abandono e ausência de moradores. — «Que casa é aquela avô?» inquiri eu. — «Aquela casa, foi a moradia dum homem cuja vida constituiu um romance, mas um romance triste.» — «Conte lá avô, conte,» disse eu cheio de curiosidade. O avô puxou do relógio e exclamou:—ainda é cedo, para o jantar ainda nos faltam umas duas horas, tempo suficiente para a narração da historia, que eu sei devido às confidências do seu protagonista.

O homem que, durante muitos anos, viveu naquela casa chamava-se Joaquim André, o pobre André como toda a gente dizia. No começo desta história tinha êle 21 anos de idade, era filho de boa família e ao morrer-lhe o pai (a mãe tinha-lhe morrido era êle criança) ficou só no mundo, e com uma herança que lhe garantia uma vida livre de cuidados, herança que êle aumentou em vários negócios; morava êle na Covilhã, mas, de tempos a tempos, vinha passar alguns mêses ao campo, indo para a casa que além vêz, com a única companhia de uma velha criada que fóra de seus pais e que êle conservava ao seu serviço.

Diariamente ia êle visitar a sua ama de leite, por quem tinha uma grande amisade pois que era, e sempre tinha

sido, uma bellissima criatura; numa dessas visitas encontrou êle em casa da ama uma pequenita com seus seis anos de idade e que estava a chorar. Quem é esta pequenita Porque chora ela? perguntou. E' a filha da Joaquina de Jesus, aquela pobre mulher a quem há tempos morreu o marido num desastre, na fábrica em que trabalhava e que antontem morreu, também, minada de desgostos causados pela morte do marido e pelas dificuldades em que se via de arranjar com que se sustentasse a si e a sua filhinha.

A pequenita ficou ao desamparo pois que não tinha mais familia. Então, eu confrangida pela sua situação recolhi-a cá em casa. E a bondosa mulher limpava as lágr



mas que lhe tinham assomado aos olhos. Fazem-me tanta pena estas desgraças alheias como se minhas fossem!

—Ouça uma, diz êle, então, eu sei que a sua vida não é muito desafogada e que essa pequenita vai sêr um encargo pesado para si. Se não se importasse eu levava-a e tratava dela.

— Como o seu coração é nobre e bom! diz ela. Então porque me hei-de de eu importar?! Mas não julgue que a minha aquiescência é devida a querer-me desembaraçar dum fardo importuno, não, mas sim, apenas, porque vejo que para onde ela vai, vai bem melhor.

Então ele dirigiu-se à criança que tinha escutado a conversa, com uns olhos muito abertos, como se não compreendesse o que se dizia da sua pequena pessoa, acariciou-a, passou-lhe a mão pelo cabelo, um lindo cabelo louro e anelado.

— Como te chamas, pequena? — Ofélia, responde ela com acento de carinho. — Queres vir comigo para minha casa?

— Oh se quero! O senhor é tão bom para mim!

Pouco depois despedia-se da ama e saía, levando consigo a pequenita Ofélia.

Ao chegar a casa, disse alegremente para a velha criada:

— Olhe, Beatriz, trago-lhe uma companhia; a criada arregalou os olhos surpreendida: — Quem é esta menina?!

E' uma pobre orfanzinha que eu encontrei em casa da ama e que eu tomei a meu cargo. Tens que lhe tirar esses trajos e arranjar-lhe uns vestidos mais decentes.

— Sim senhor, isso cá fica ao meu cuidado.

velho Joaquim André lhe consagrava, em breve se transformou em amor: amor que ele não deixava transparecer.

Ela considerava-o como pai e como tal o tratava. Aos Domingos costumava ela ir ouvir missa a uma das igrejas da Covilhã. Num Domingo, ao sair da igreja, vendo um mendigo que lhe pedia uma esmola, abriu a malinha de mão que trazia, tirou dela dinheiro e deu-o ao pobre, sem reparar que tinha deixado cair o lenço. Um jovem bonito e elegante, que havia instantes se quedava admirando a sua formosura, apanhou o pressuroso e correu a entregar-lho. Ela agradeceu e não ficou menos agradada dele que ele dela. Sucedeu, então, o que era natural que sucedesse entre dois jovens: — amaram-se!

Aqui o meu avô fez uma súbita paragem. — Depois avô; disse eu, de veras interessado.

Mas oiha que são horas de jantar, meu rapaz! — Vá contando pelo caminho objectei eu. — Só se for assim.

Levantámo-nos e puzémo-nos a caminho de casa. Passados tempos continuou ele, o tal rapaz que era um dos melhores partidos da Covilhã, foi pedir a jovem Ofélia em casamento ao seu pai adoptivo. Foi com grande surpresa e dór que ele ouviu o pedido mas não disse que não. Respondeu que queria falar primeiro com Ofélia.

Esta com tanto entusiasmo lhe falou dele que ele viu que



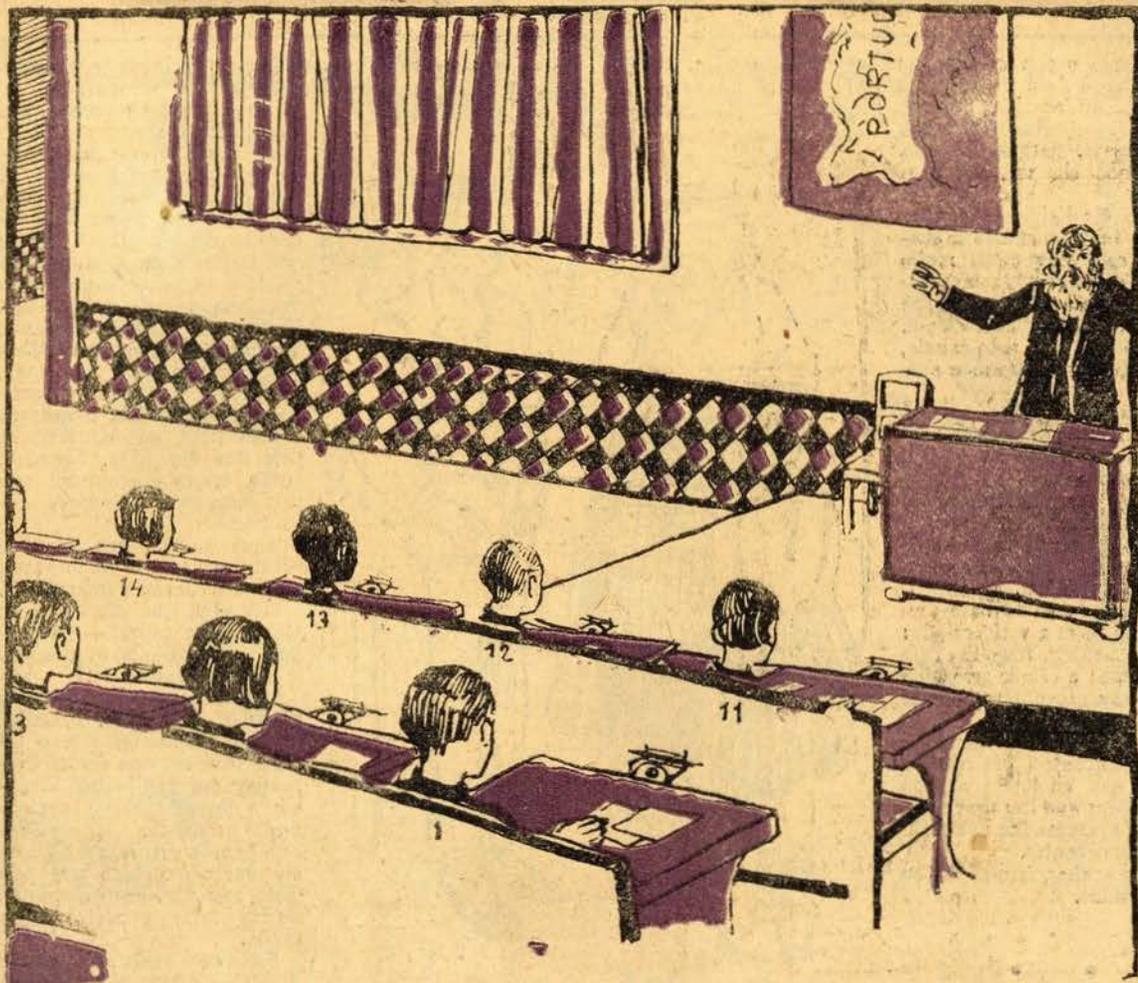
Os anos passaram-se e a pequenita Ofélia transformou-se numa formosa rapariga. O affecto quasi paternal que o

ela o amava deveras.

Não se pôde imaginar a dór que se tinha quando viu que



(CONTINUA NA PAGINA 6)



(Continuação da página 1)

neiras. Educação moral é mais alguma coisa do que isso: — o culto da civilização e que consiste no aperfeiçoamento do character e da intelligência.

Para que tal aperfeiçoamento se opere, um só elixir existe: — a Religião da Beleza; uma só varinha de condão: — o cultivo da Arte; um só milagre: — a influencia da Estética.

Assim como aprender a ler é condição essencial para a cultura da educação cívica, aprender a traduzir e interpretar os sentimentos próprios e alheios — (a Dôr e a Alegria)—é condição basilar para a cultura da Educação moral.

Como conseguir, portanto, tal aprendizagem?! Como conseguir a interpretação de todos os sentimentos e sensações da Alma?! Pelo a-b-c... dos sons, pelo idioma dos gestos. Pela Dança, a Poesia e a Música, que o mesmo é dizer: — pelo Ritmo.

Ritmo: — é a Lei que preside a todo o movimento subordinado a regras de Harmonia. Impulso coordenado.

Harmonia: — conjunto de formas ou de sons em perfeito equilibrio.

Equilibrio: — combinação de forças convergindo para um determinado ponto, uma só directriz.

Sendo, portanto, o Ritmo o imprescindível elemento para a interpretação de todos os sentimentos, comunhão do Espírito, base de toda a Educação moral, iremos estudá-lo aqui, sob todos os seus aspectos, criando um Curso de Dicção Rítmica, constituído por uma série de lições teóricas cujo objectivo é, simultaneamente, agradável e útil.

Tem por fim este curso desenvolver, naqueles que queiram dedicar-se a este estudo, o sentido da Estética, aprendendo a dizer: — a ler e a recitar.

Não a ler e a recitar como qualquer o pode fazer, sem eloquência e sem Arte, mas compreendendo bem o sentido nobre da frase, o valor de cada expressão e comunicando aos outros o poder suggestivo que da arte dimana e que só os espiritos moralmente cultos conseguem ter.

Uma poesia ou uma peça de música, por mais belas que sejam, jámais conseguirão impressionar agradavelmente quem, por falta de educação moral, não esteja em condições de as interpretar, de as sentir.

E que maior alegria pode haver do que a de nos prepararmos para saborear os deliciosos frutos da Beleza; prepararmos-nos para compreender todas as gamas de uma Obra de Arte?!

Em quasi todos os países cultos da Europa e da América, existem cursos de Dicção rítmica, criados por iniciativa particular, onde facilmente se encontram alguns grandes mestres e alguns notáveis discipulos. Só em Portugal não appareceu, ainda, quem se lembrasse de preencher tão importante lacuna, criando uma Escola em que a Rítmica fôsse ministrada por iniciativa particular, sem a sanção official emanada de um Conservatório como o que, à semelhança das outras nações, possuímos mas que se destina apenas a criar profissionais de teatro: — actores e actrizes.

Berta Sirgermann, Margarida Lopes de Almeida e uma ou outra boa vontade, criaram já entre nós o gosto pela dicção, lançando em chão, pouco adubado ainda, as primeiras sementes da euritmia verbal.

PRIMEIRA LIÇÃO O RÍTIMO

O Ritmo é, como já dissémos na parte preambular desta série de lições, a Lei que preside a todo o movimento

subordinado a regras de Harmonia. Impulso coordenado. Mas não caímos no erro em que cai muita gente, de supor que ritmo ou cadência é a mesma coisa. Não! Cadência é apenas a oscilação do Ritmo. Toada a mesma coisa. Dentro da mesma cadência ou toada podem caber ritmos diversos.

Na ordem numérica, por exemplo, a dentro de vários ritmos, pode manter-se uma cadência ou uma toada iguais, depende isso, apenas, da forma variável ou invariável porque essa ordem se estabeleça.

A enunciação de 1-2-3 é um ritmo sujeito à regra de Harmonia de três sílabas acentuadas. 4-5-6 é já um diverso ritmo de cinco sílabas com acentuação na primeira, terceira e quinta; sujeito, portanto, também, a um determinado preceito de Harmonia.

Na articulação das sílabas a toada pode variar; o ritmo é inalterável. Pode mudar e muda, em geral, constantemente mas independentemente da nossa vontade, ao contrário da toada ou da cadência que dependem apenas da inflexão que dermos à nossa voz:

— «1-2-3 ou 4-5-6» ditos lenta ou velozmente têm cada qual o seu ritmo invariável. Pode retardar-se ou acelerar-se a cadência que o ritmo nada sofre.

Antigamente em cada peça poética o ritmo era quase sempre o mesmo. Divergia apenas de poesia para poesia e não, como hoje, de verso para verso.

O poder expressivo reside mais no ritmo que nas próprias palavras. E a prova de tal asserção dá-a a Música ou a Dança onde se podem exprimir sentimentos vários sem articulação de palavras.

E, portanto, o Ritmo de capital importância para a perfeita dicção e a justa interpretação duma poesia ou de um trecho de prosa.

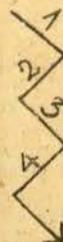
Em cada obra poética há a considerar duas espécies de ritmo:

— Ritmo simples — periódico e invariável.

— Ritmo complexo — irregular e incerto.
Exemplo de ritmo simples:

- (1) Não negues confessa
- (2) Que tens certa pena
- (3) Que as mais raparigas
- (4) Te chamem morena.

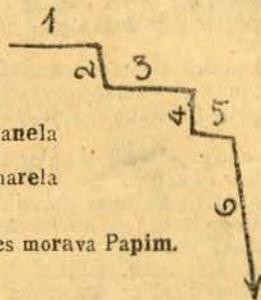
Esquema gráfico dum ritmo simples.



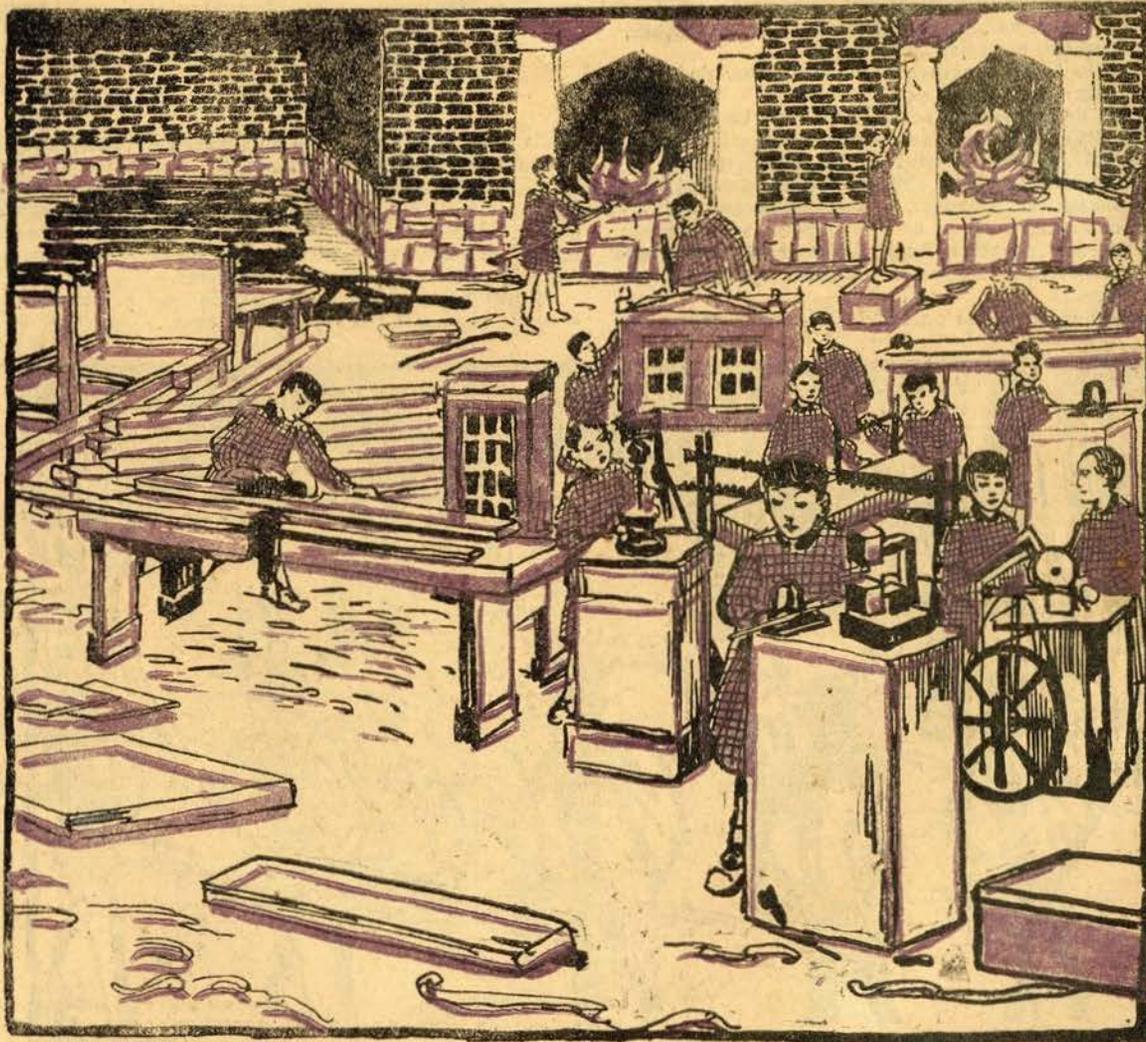
O ritmo é simples, periódico e invariável porque a acentuação recai sempre na 2.^a e 5.^a sílabas de cada verso. Já o mesmo não acontece na poesia, de moderno molde, que começa assim:

- (1) Em certa janela
- (2) Trazelra
- (3) De casa amarela
- (4) Fronteira
- (5) Daquela
- (6) Onde dantes morava Papim.

Esquema gráfico dum ritmo complexo.



Não é só na Poesia, na Música ou na Dança que o Ritmo impera. O Ritmo é função da Vida. Seu principal elemento



O Ritmo é a essência de todos os seres e de todas as coisas. O Ritmo é Deus.

A fúria dos elementos outra coisa não é que uma formal demonstração do Ritmo.

Os esquemas gráficos que acabamos de dar, são a simples exemplificação desta Verdade.

Diz-se, correntemente, de um verdadeiro Artista: — fulano tem scentella! Tal declaração não corresponde a uma expressão metafórica. É absolutamente rigorosa.

A faísca que o embate atmosférico produz, é o esquema gráfico, desenhado no espaço, ocasionado pelo Ritmo da Natureza.

Nada disto obedece a locuções profundas. Isto é apenas o Ovo de Colombo, simples como a Verdade, cujo valor unicamente consiste na fácil descoberta.

A electricidade, por muita ousada que tal dedução pareça, é uma resultante de duas forças rítmicas da Natureza, intercepionadas.

Nenhuma expressão popular é destituída de fundamento. Quando se diz, que um grande actor «electrisou» a plateia, é porque, de facto, na electricidade existe a comunhão do Ritmo.

A primeira obrigação dum detentor da Beleza, é electrisar-se e electrisar os outros.

Um honesto intérprete duma obra de arte, só deve obedecer à Vontade do Ritmo, servindo-o humildemente.

Como servir o Ritmo?

Praticando a Harmonia. Impondo a si próprio os preceitos inflexíveis da Estética. Amando a Beleza e cultivando as Artes.

Depois de amanhã, — (prosseguiu Mestre Hilário) — daremos a segunda lição, subordinada ao tema: — Pontuação, entoação e gesticulação.

E, dando por tinda a aula, Mestre Hilário saiu, a fim de fazer a sua quotidiana peregrinação, de visita às creches, tutorias, hospícios e escolas particulares.

No relógio da torre soavam, então, as doze badaladas do meio-dia. Era a hora do almoço.

Graziela de Santa-Rosa, velhinha de alvos bandos, a dedicada esposa e colaboradora de Mestre Hilário, fiscalisava, vigilante, a disposição e o asseio dos amplos refeitórios.

Sobre as niveas toalhas, cobrindo as grandes mesas, a loiça de esmalte, os moringues, as cauequinhas de barro, os talheres de metal branco e os «cache-póts» com flôrinhas campestres, de vivas cores, punham uma nota alegre e pitoresca nos três vastos aposentos, divididos apenas por três grandes arcos.

Ao toque da sineta, os quinhentos alunos tomavam os

respectivos lugares. E uma alegria ruidosa, esfusiante, dominava, imperava durante a refeição.

Seguia-se a «Hora do Recreio» na vasta cêrca da Grande Confederação, orgulho supremo de Mestre Hilário e de D. Graziela, almas que Deus predestinara para a realização duma notável Obra de ressurgimento infantil.

À «Hora do Recreio» sucediam-se as horas do «Bibe de Riscado».

O que era na «Grande Confederação» o «BIBE DE RISCADO»?

O «Bibe de Riscado» era a designação da grande oficina preparatória do Profissionalismo operário.

Era nela que a maioria dos internados fazia a aprendizagem dos seus futuros misteres, conforme as aptidões e vocações demonstradas.

Dois molôres electricos, punham em movimento a série de rodas e volantes das respectivas máquinas — (serras mecânicas, foles, tornos, perfuradores...) — das várias secções: — carpintaria, marcenaria, serralharia e outras.

A este tirocinio se sujeitavam todos os filiados da «Grande Confederação», desde que completavam os quinze anos, durante os seis primeiros meses, após os quais prosseguiam até aos dezoito anos, ou não, conforme os desejos e tendências de cada um.

(Continua no próximo número)

A pobre orfansinha

(Continuação da página 3)

Ofélia amava outro assim tão profundamente; mas, sempre generoso, consentiu no casamento.

Os recém-casados partiram para o Brazil onde foram fixar residência e o pobre Joaquim André, com uma grande dor a alancear-lhe o coração por ver desfeitas as suas ilusões de amor, refugiou-se na sua casa de campo, que foi a que tu viste, e poucos anos sobreviveu.

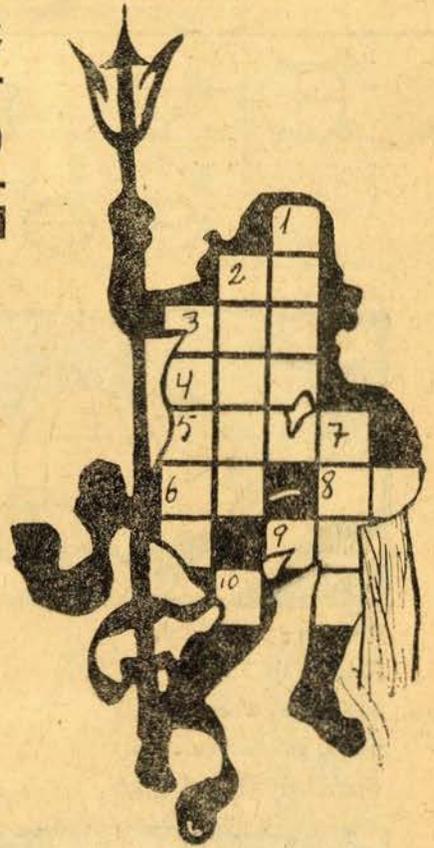
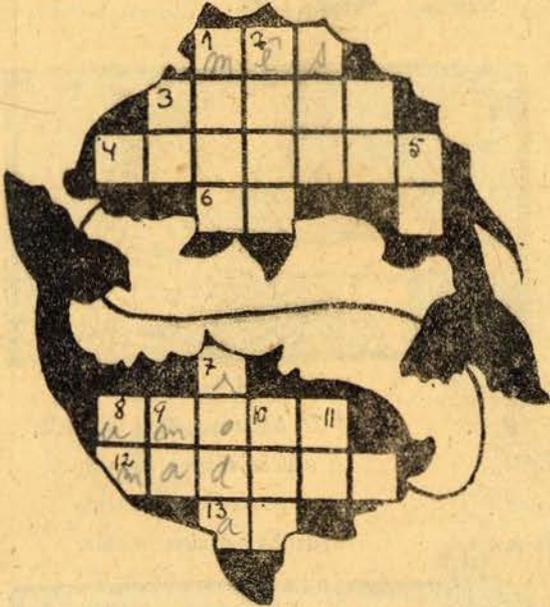
O avô calou-se e foi em silêncio que percorremos o caminho que ainda nos separava de casa...



ADIVINHA E BONECO PARA COLORIR - ONDE ESTÁ A CABEÇA DO REI NEGRO?

HORA DE RECREIO

■ PALAVRAS CRUZADAS ■



PEIXES

Horizontalmente: — 1, 30 dias; 3, triste; 4, espécie de cetáceo, semelhante ao golfinho; 6, duas vogais; 8, Designação de duas plantas leguminosas do Brasil; 12, que diz respeito à Virgem Maria; 13, contração.

Verticalmente: — 1, flexão; 2, pronome demonstrativo; 3, cânhamo da Índia ou de Manila; 5, contração; 7, bailado campestre; 8, numeral cardinal; 9, pessoa que não tem bondade; 10, grande quantidade; 11, caminhava.

AQUARIO

Horizontalmente: — 2, Polvilho; 3, Forma proclítica do vale; 4, naquele lugar; 5, Grande desordem; 6, contração; 8, Sem ele não podemos viver; 9, Algum; 10, Uma das incognitas de matemática.

Verticalmente: — 1, Relativo ao vento; 2, Mentira; 3, Dedicar-se; 7, Entrecasco.

PARA OS MENINOS



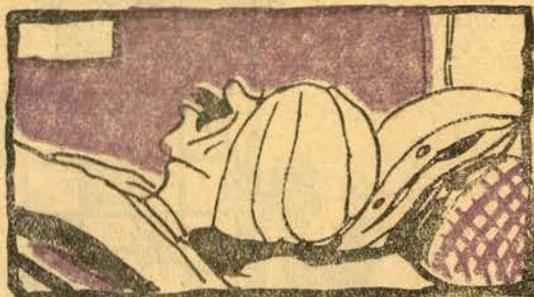
CO-
LO-
RI-
REM

ADIVINHA

Substituir os pontos por letras de maneira que formem nomes de pessoas.

L...
A...
O...
ABEL...
O...
A...
C...
A...
P...
L...
T...
S...
L...
D...
E...
P...
O...
R...
T...
R...
G...
A...
L...

Extracção... sem dor



O «3» da guarda fiscal,
Matoso Pais Tiroliro,
numa cama d'hospital,
por ter apanhado um tiro
estava bastante mal.



Ambrósia—sua consorte—
—(pois casara com Matoso,
no que não tivera sorte!)—
vê Matoso comatoso
e quasi às portas da morte.

Junto ao marido sem fala,
D. Ambrósia, num tormento,
toda se afflige e se rala
ao pensar no sofrimento
de lhe extraírem a bala.



Vai senão quando um amigo
procura tranquilisá-la,
dizendo não haver p'rigo
na tal extracção da bala
e o que se dera consigo.



—«Acredite! Veja lá...
imagine a D. Ambrósia,
que de mim tiraram já,
um certo dia, uma ardózia,
um pombinho, um panamá,



um chapéu, quarenta e uma
bandeirinhas, um pauzinho,
um colchão de sumaúma
e uma garrafa de vinho,
sem eu sentir dor alguma!»

Entanto, a aflitiva esposa
inquire em ar abismal
numa expressão dolorosa:
—«e foi também no hospital
que extraíram tanta cousa?!



O amigo, então, respondeu:
—«Não; lá no hospital, não foi.
Foi tudo no Coliseu,
mas pode crer que não dói;
por muito mais passei eu!»